

## **Depoimento Fábio Campana.<sup>1</sup>**

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO<sup>2</sup>**: Início então a reunião extraordinária da Comissão Estadual da Verdade do Paraná – Teresa Urban, e nós hoje temos o depoimento... temos vários depoimentos e vamos iniciá-los com o Luiz Fábio Campana. Eu vou permitir, Fábio, até para que você se situe aqui com o grupo, vou solicitar que cada um que está aqui na bancada participe da entrevista, que se apresente para você também poder fazer essa identificação. Jaqueline?

**JAQUELINE BORGES**: Bom dia, meu nome é Jaqueline Borges, sou colaboradora da Casa Civil.

**NORTON NOHAMA<sup>3</sup>**: Bom dia, meu nome é Norton Nohama, eu sou da Comissão Estadual da Verdade.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA<sup>4</sup>**: Bom dia, meu nome é Ivete Caribé da Rocha, eu sou membro aqui da Comissão Estadual da Verdade.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR<sup>5</sup>**: Bom dia, Fábio Campana, meu nome é Daniel Godoy, eu sou membro da Comissão Estadual da Verdade.

**CLAUDIA CRISTINA HOFFMAN<sup>6</sup>**: Bom dia, eu sou a Claudia, trabalho no Centro de Apoio aos Direitos Humanos, historiadora e colaboradora do texto do relatório final da Comissão da Verdade.

**RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI<sup>7</sup>**: Bom dia, sou a Raquel, sou colaboradora da Comissão Estadual da Verdade, trabalho no Ministério Público também, no Centro de Apoio aos Direitos Humanos.

**REGINA BERGAMASCHI BLEY<sup>8</sup>**: Bom dia Fábio, bom dia a todos, bom dia a todas, eu sou a Regina Bley da Secretaria de Justiça da linha Direitos Humanos, sou secretária executiva

---

<sup>1</sup> Audiência realizada [data]. Transcrição da entrevista: Juliana Matos, estagiária do CAOPJDH, 13 set. 2016

<sup>2</sup> Procurador do Ministério Público do Paraná e membro titular da Comissão Estadual da Verdade – Teresa Urban.

<sup>3</sup> Membro suplente da Comissão Estadual da Verdade – Teresa Urban.

<sup>4</sup> Advogada e Integrante do Comitê de Refugiados do Paraná e membro titular da Comissão Estadual da Verdade – Teresa Urban.

<sup>5</sup> Membro suplente da Comissão Estadual da Verdade – Teresa Urban.

<sup>6</sup> Assessora do CAOPJDH do Ministério Público do Paraná.

<sup>7</sup> Assessora Jurídica do CAOPJDH do Ministério Público do Paraná.

<sup>8</sup> Secretária executiva da Comissão Estadual da Verdade – Teresa Urban.

da Comissão Estadual da Verdade Teresa Urban.

**RAQUEL STELLE:** Bom dia, sou Raquel Stelle, da assessoria de imprensa da Secretaria de Justiça.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Bom, quero inicialmente agradecer a aceitação do convite por parte do Fábio Campana e dizer que a Comissão se encontra agora realizando suas últimas atividades. Já com o relatório preliminar preparado, enfim, a gente imagina que até o final do ano nós ultimamos as atividades da Comissão, com esse propósito de fazer, né? De ter feito as investigações sobre as graves violações de direitos humanos ocorridas no estado no Paraná.

Um ponto de destaque nesse contexto, a partir de audiências públicas que fizemos em Cascavel, em Foz do Iguaçu e de outros elementos que foram trazidos a conhecimento da Comissão se destaca a situação de Foz do Iguaçu e a situação da hidrelétrica de Itaipu, a construção e o que ela representa nesse contexto todo, né? Durante o período da ditadura militar. Desde a retirada dos índios que se encontravam na época, esse é um tema que a gente aprofunda na investigação, né? Fiquei muito impressionado com a tese de uma antropóloga tratando dessa matéria dizendo que era da terra dos índios aos índios sem-terra lá no oeste agora, temos os Guaranis todos, enfim, acampados nas estradas, enfim... Esse é um tema que a gente ainda faz a investigação, mas também o que a Itaipu representou nesse contexto, né? De articulação que houve entre os vários países no cone sul, da Operação Condor, o que são? Presidentes da Itaipu oriundos do SNI, vários deles ligados ao Sistema Nacional de Informação, enfim pra se saber o que irradiava naquele período, o que Itaipu irradiava nessa perspectiva de um Estado ditatorial, né? Afastado dos princípios do Estado de direito democrático. E a ideia de que nos possamos ouvi-lo sobre esse período, desde a resistência, a vida lá em Foz, nós temos o episódio do Massacre de Medianeira, talvez os casos mais graves, né, ocorridos no Paraná, extermínio de pessoas e tal.

Eu vou passar a palavra para o Godoy, o Daniel, que está coordenando agora essa atividade de investigação sobre Itaipu e sua interferência durante o período da Ditadura Militar. Ele certamente fará aí essa apresentação de uma forma mais adequada e já pode fazer, iniciar então as indagações ao Fábio.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Bom dia, Fábio, obrigada por aceitar o convite que nós fizemos. Eu acho que o mais oportuno... já havia tido a oportunidade de conversar com o nosso depoente acerca da importância desse depoimento dele, na medida que ele viveu esse período histórico aqui no estado do Paraná e considerando que o Doutor Olympio já fez quase uma apresentação do tema que nós vamos tratar, não sei se seria mais conveniente

você, a partir daquilo que o Doutor Olympio apresentou aqui, fazer uma breve análise acerca desses fatos todos que foram apresentados e depois dessa análise nós fazemos aí, pra não ficar naquela pergunta, resposta, pergunta, resposta. Quer dizer, a partir daquilo que o Doutor Olympio colocou, por exemplo, vou dar um pontapé inicial e a partir daí você faz uma preleção e depois a partir daquilo que você for colocando e de fatos que nós temos conhecimentos, vamos indagando você a respeito do que você sabe, do que você ouviu dizer, do que você conhece.

O processo de desenvolvimento do oeste do Paraná é um processo que vive várias etapas e as próprias cidades de Foz do Iguaçu, uma das cidades que vem a partir do final do... na primeira metade do século XX, depois disso fica aquele marco das três fronteiras, sempre uma região conflagrada como toda região de fronteira e um marco determinante naquela região é a ideia da construção de Itaipu, que é uma ideia antiga que vai se consolidando com o tempo e que se confirma a partir da intenção do governo brasileiro, paraguaio de construir a usina.

Você, eu sei, porque já conheço um pouco da história, a tua família é uma família que está lá naquela região já de longa data; vamos dizer que seriam pioneiros assim na região de Foz do Iguaçu. Então você poderia nos contar de que forma começou a relação tua naquela região, você foi dirigente do Partido Comunista do Brasil, de que forma você como militante atuou naquele período? Não apenas naquele período – a gente sabe que você teve uma atuação também em nível estadual, nacional enquanto dirigente do partido, mas em que medida essa região teve importância? As violações, as graves violações de direitos humanos que houve naquele período? O que você sabe disso? Entremendo com os fatos da tua vida de militante. A partir daí você...

**FÁBIO CAMPANA**<sup>9</sup>: Eu diria a vocês que Itaipu, vou começar por aqui e depois fazer digressões para trás e para frente, Itaipu é uma obra que só... Itaipu é uma obra que só é possível, só foi possível no contexto da ditadura militar. Hoje Itaipu não seria construída, na minha concepção. O projeto de Itaipu, esse projeto que lá está, não seria, não se estabeleceria mesmo, como projeto físico. Existiam outros projetos na época; eram discutidos outros projetos que não interromperiam o rio da forma que ele foi interrompido; já se discutia na época, se discutia na época, não, havia uma resistência à ideia de construção. A ideia de que podia acontecer com Itaipu o que aconteceu, o grande exemplo, a represa de Assuã, no Egito.

Existia a ideia que de outro projeto com várias hidrelétricas menores e feitas de outra forma poderiam preservar as quedas, existiam outros projetos. Eu acredito que o projeto físico, este projeto enorme e que dá orgulho a alguns brasileiros, não seria, não passaria, não teria

---

<sup>9</sup> Jornalista, ex-combatente da ditadura militar e depoente da Comissão Estadual da Verdade – Teresa Urban.

condições, não seria aceito nem aqui, muito menos no Paraguai. Ele só poderia passar, só poderia ser imposto nas condições de duas ditaduras militares, Brasil e Paraguai, que decidiram e fizeram a obra – é nesse contexto que Itaipu se decide. E muito menos se aceitaria, eu acredito, hoje, com o parlamento aberto, livre aqui e no Paraguai, mesmo com as características e circunstâncias, dos nossos vícios, dos nossos defeitos, nos parlamentos, o tipo de estatuto, o tipo de acordo binacional, que permite aquela instituição binacional, uma coisa à parte, acima, de poderes fiscalizatório, inclusive, que eu acho que transforma Itaipu na maior caixa-preta do universo. Então Itaipu, para mim, é uma obra que só é possível no contexto de ditaduras militares na região.

Foz do Iguaçu é uma cidade que existe há muito tempo, antes mesmo de sua instalação como município; existia como uma localidade de fronteira, com uma economia própria que foi muito próspera, no período do mate; desde o período do mate era um dos centros exportadores mais importante do mate para o Prata, depois a madeira, mas sempre foi uma das cidades mais vigiadas do país, desde sempre lá estavam instalados todos os organismos do Estado e os organismos militares, da marinha, aeronáutica, exército, as polícias. Por quê? Porque é uma cidade de fronteira, sendo uma cidade de fronteira e de fronteira dupla, também uma cidade para onde iam, era natural que chegassem todos, digamos todos os movimentos que procuravam esse espaço, esse limite da fronteira, esse limite inclusive ambíguo da fronteira para a sobrevivência.

Foz do Iguaçu sempre teve exilados do mundo todo. Os gregos que foram condenados à morte na década de 50 – tínhamos um grupo em Foz do Iguaçu, instalado em Foz do Iguaçu, os que fugiram da Grécia. Árabes, gregos, hoje Foz do Iguaçu tem mais de cem etnias contadas, tem uma linguagem própria, tem um “papeamento” próprio, e Foz do Iguaçu é resultado dessa confusão de etnias, Foz do Iguaçu é uma riqueza que a academia daqui ainda não resolveu estudar. Por que? Por que o fim de linha de uma fronteira, dois rios, um rio que leva o Prata. Essa fronteira ambígua permite, entende? Permite uma vida e uma sobrevivência, sempre permitiu.

Quando chega Itaipu para se instalar como um grande projeto, antes disso tinha acontecido a ponte internacional, mas foi uma coisa menor, quando chega Itaipu, aí sim chega também outro poder que encima todos esses, de controle absoluto da região para a execução da ordem. Nós estávamos lá antes disso e durante isso. Minha militância começa antes de Itaipu e continua depois de Itaipu. O primeiro movimento, primeira tentativa de reação armada ao regime aconteceu lá, aconteceu na região. E eu acho que ele gorou, que ele teve vida até muito curta exatamente porque acontecia em uma região extremamente policiada, muito policiada e os mecanismos de policiamento ultrapassavam os que conhecemos. O Batalhão do Exército tinha mecanismos que usava e que não eram os mecanismos usuais, costumeiros e estes que o

Exército usa como algo reconhecido como padrão. O mesmo, os mesmos grupos que o Exército usava pra combater o contrabando na região de fronteira, ele usava para controlar politicamente a região. O mesmo, a mesma coisa acontecia com o destacamento da marinha na região, isso nós vimos mais tarde.

Durante muito tempo eu trabalhei com organismos de diversos países da região, especialmente com o Paraguai, com os organismos do Paraguai, especialmente com uma organização do Paraguai que era o Movimento Popular Colorado, MOPOCO. O Movimento Popular Colorado é quase uma dissidência do Partido Colorado, seria uma dissidência à esquerda. O Partido Colorado, um partido muito antigo no Paraguai, aliás organizado pelo Brasil logo depois da guerra, mas que se tornou o grande partido de massas, o grande partido de controle do país, e o Movimento Popular Colorado é um rompimento, uma dissidência que se desfaz e seus membros ficam exilados na fronteira ou na Argentina. Eu passei a trabalhar muito na articulação desses movimentos em todo o Prata, dali até Buenos Aires, tanto é que em 1988, nós realizamos um encontro em Buenos Aires, desses movimentos, uma anuência, o presidente da Argentina na época, que era o Alfonsino, que nos deu o movimento pela... principalmente, pela deposição do general Stroessner.

Esses paraguaios eram perseguidos, perseguidos constantemente e principalmente pelos órgãos de repressão do Brasil, o tempo todo antes e depois de Itaipu, depois de Itaipu foi um inferno, porque Itaipu exigiu uma segurança para a usina, passou a ser uma segurança de Estado, uma segurança maior.

Eu acho que isto, Itaipu, primeiro acabou com a minha cidade de infância, pra mim foi umas das piores coisas que aconteceram. Há uma grande solução para a falta de energia no país, acho que existiam outras soluções, espero que não façam o mesmo no Rio Iguaçu e outros lugares, mas acho que do ponto de vista da repressão política, Itaipu foi um marco, foi um divisor na região. Ora, é bom saber que antes disso já era região, uma das regiões mais policiadas onde a repressão política já estava estabelecida. Muito mais no Brasil e no Paraguai do que na Argentina, que teve períodos democráticos mais longos, mas nos períodos de ditadura militar na Argentina também, isto funcionava na fronteira, acredito que antes das operações Condor, já funcionava esse tipo de troca de informações, funcionava muito antes.

Os paraguaios em Foz do Iguaçu eram vigiados pela polícia brasileira, pelo Exército brasileiro que fornecia informações para o Paraguai, muito antes de qualquer acordo internacional eram perseguidos constantemente, muito antes desses acordos. E muitos sofreram bastante. Não sei se vocês ouviram, seria ainda acredito que uma oportunidade, o Rodolfo Mongelós Leguizamón, ouviram? Ouvir outros, não houve tempo. Hã? O Aníbal Soley, mas os mais importantes, acho que vocês não tiveram tempo de ouvir, que foi o Miguel Angel

Casabianca, que dirigiu o Movimento Popular Colorado na Argentina e que fazia o contato na região Foz do Iguaçu; e Alejandro Stumpfs, ouviram? Ele faleceu, sim. Esses homens tinham a memória de toda essa repressão, que era anterior, e ela se agrava exponencialmente depois de Itaipu. Por que? Porque também Itaipu leva para lá um processo de corrupção e instalação de algo que no Paraguai já era uma prática, né? Que é a prática, é a organização de alcaguetes, a rede de informantes dentro de Itaipu, da Vila C, principalmente da vila dos operários e fora, na cidade, na região.

Eu fiz parte, vocês vão ouvir amanhã o Aluizio Palmar. Eu estava em Foz do Iguaçu organizando, reorganizando, era 1968, 67, 68, eu estava em Foz do Iguaçu reorganizando o que restara dos movimentos da militância depois do Golpe de 64 e tentamos reorganizar isso quando Aluizio Palmar, Nielse Fernandes e outros chegaram para a gente tentar reconstruir o que vem a ser o MR8. Não este, por favor, que está aí e tem um jornal e usa o nome. Era um outro movimento, que veio a cair, todos foram presos, inclusive eu. Eu acredito que era a pior região para tentar estabelecer esse tipo de organismo, que já era, embora fosse na confluência, de dois rios que faziam fronteira, que tinham uma floresta, o Parque Nacional, que pela extensão poderia chegar a outros, à Bolívia, um esforço pra passar os Andes, mas era a região mais policiada, uma das regiões mais policiadas do país, era Foz do Iguaçu, e vemos isso na cidade; durante muito tempo perdeu o caráter, perdeu o caráter por isso, passou a ser uma cidade que todos desconfiavam de todos.

Quando você estabelece uma cidade, uma rede, estabelece redes de informação, de informantes, ao mesmo tempo que a obra trazia uma população nova, uma fluência nova de gente de todo país pra trabalhar na obra e trabalhar em torno da obra. Aquilo explodiu, a população. Prefeitos eram coronéis nomeados, a direção de Itaipu se confundia com o serviço de segurança do Ministério das Relações Exteriores que atuava na região, que tinham um papel, tinham um papel mais importante do que se pensa nessa comunicação entre governos. E é assim que a minha cidade se transforma em outra. Eu acho que Itaipu é possibilidade, a sua monumentalidade inclusive só é possível no contexto dos regimes ditatoriais da época no Brasil e no Paraguai.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Bem, eu vou fazer algumas perguntas ao Fábio e depois que eu fizer, o Fábio vai respondendo. Não sei, eu acho melhor, né? Fazer as perguntas, você vai respondendo depois abro a palavra para os demais membros colaboradores.

Bem, esse teu depoimento traz uma série de informações importantes pra nós aqui, porque você faz uma conexão, né? Entre os fatos daquele período e os momentos que nós temos presentes também no país, você fez uma afirmação no sentido de que houve uma ampla repressão no processo de construção da Itaipu, né? Quer dizer, naquela região era um foco já,

um objetivo da, entre aspas, “inteligência dos organismos de repressão”, mas a partir da decisão da construção de Itaipu isso se acentuou, com base em uma rede de informações que foi estabelecida e que o Ministério das Relações Exteriores e a Assessoria de Segurança e Informações de Itaipu juntamente com os prefeitos nomeados formavam toda uma rede local que por sua vez também tinha apoio na ditadura do Paraguai e da Argentina etc.

Eu queria que você precisasse mais isso porque se fala muito e nós temos documentos, eu pessoalmente inclusive tive a oportunidade de verificar documentos nesse sentido, que todas relações de funcionários e empregados das próprias prestadoras de serviço, Unicon, Caeb, e outras empresas que prestavam serviços pra Itaipu, todas elas eram submetidas aos órgãos de informação. Nós temos informações também, inclusive tínhamos já prevista aqui a presença de outros depoentes, que pessoas, ou não eram contratadas ou eram demitidas em função das informações em relação aos seus antecedentes, entre aspas, “políticos”. Bem, o que você pode nos aprofundar no sentido dessa... desse entremeio? Desse grande cérebro que coordenava esse processo? Isso era uma estrutura supraestatal? Na medida, pelo que eu entendi inclusive, você indica que independente da existência de acordos formais como operação Condor e outros, existia uma inteligência supraestatal que envolvia Exército, Aeronáutica, Polícia Federal, Marinha e os outros organismos de repressão de outros países e também do Brasil, todos eles coordenados no sentido... Você acha por exemplo que havia uma participação, por exemplo, você não citou, mas imagino que é possível, dos Estados Unidos, da CIA? Considerando também o Mossad, serviço de inteligência, à medida que, de Israel, que havia a presença grande de palestinos, árabes naquela região. Que você desse uma avaliação um pouco mais precisa sobre como funcionava isso lá.

**FÁBIO CAMPANA:** Veja, eu posso dar informações talvez novas, a partir do seguinte. Essa minha atuação no exterior, com os coordenadores desse trabalho de resistência comum, articulada das resistências às ditaduras nos países e que centrava nessa época principalmente na questão do Paraguai, Brasil, Paraguai e eu, quando cai o regime do Stroessner, tiveram eleições paraguaias, e o MOPOCO me levou pro Paraguai nas eleições e aí que eu vou para o Paraguai ajudar a coordenar eleições no Paraguai. Eram eleições típicas paraguaias, eleições presidenciais. O general que derrubou, que assumiu no lugar do Stroessner era seu principal comandante. General como só ia acontecer na nossa história latino-americana, o general Rodriguez, e ele marca eleições porque sabia que se as marcasse venceria logo.

E nesta nova inserção no Paraguai, a partir do MOPOCO, porque que o nosso interesse nesse momento era por lista, as eleições eram por lista, era organizar a luta interna no próprio partido colorado, para encimar na lista de candidatos os nomes do Movimento Popular Colorado entre os... Ou seja, da militância à esquerda, coisa que se conseguiu. Eu tive contato, e tive

como enxergar melhor esse processo. Eu quero dizer que antes da Operação Condor, na fronteira, já existia uma colaboração permanente, informal, não oficial, não o resultado de acordos formais entre as polícias, entre os exércitos, entre as forças, entre os serviços de informação das forças, isso desde muito antes, a colaboração entre o serviço de informação do Paraguai e o serviço de informação brasileiros em Foz do Iguaçu é muito anterior.

Se você pensar que a primeira inauguração daquela ponte foi feita no período do Juscelino Kubitschek, e para que Stroessner fosse inaugurar lá com o Juscelino, a ainda não estava pronta, mas foi inaugurada, todos os paraguaios considerados perigosos em Foz do Iguaçu foram presos pelo Exército que tinha a lista dos paraguaios... O Stroessner estava no poder desde 54, tinha enviado, você vê que a colaboração era muito estreita, era muito face a face, olho no olho, “olha precisamos que vocês prendam todos esses” e eles prendiam, levavam para o batalhão do Exército, não era uma coisa dissimulada, isso num período que nos acreditávamos que tínhamos alguma liberdade democrática, algum respeito a direitos, não é verdade? Que é o período do Juscelino, desde essa época. É isso o que eu quero dizer, que existia uma colaboração, uma integração.

Quando vêm os acordos formais isso só passa a ser, passa a ter verbas próprias, passa a funcionar, integra muito mais do que apenas as Forças Armadas, eu não tenho aqui, posso enviar depois a você o nome de quem era, o embaixador que era o responsável pela Assessoria de Segurança do Ministério das Relações Exteriores do Brasil, era permanentemente presente na região, em Assunção, onde ele tinha um contato permanente com o principal homem do Stroessner, que se chamava Conrado Pappalardo, que aliás, como só ia acontecer nas ditaduras e no processo latino-americano, continua nos governos depois que o Stroessner cai. O Conrado Pappalardo é indicado como o cara que providenciou os passaportes para o pessoal que foi aos Estados Unidos explodir o 38m00s [?], né? Os passaportes eram paraguaios. Então você veja que isso era uma integração já, ela não passava por dutos oficiais tão complicados, ela já era muito próxima.

O Miguel Angel Casabianca, que trabalhou muito tempo com o Alfonsinho, escritório do Alfonsinho, era muito ligado, era um homem vigiado, quando ele vinha a Foz do Iguaçu, o Exército sabia. Ele tinha saído de Buenos Aires para vir a Foz do Iguaçu, se reunir com os paraguaios em Foz do Iguaçu. Antes e depois de Itaipu, quando vem Itaipu isso só se fortalece, essa repressão se fortalece, isso tudo e passa a ter um caráter oficial explícito.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** E qual era o papel da Assessoria de Segurança e Informações da Itaipu em relação a esses processos todos da empreiteira, da corrupção, como funcionava isso?



**FÁBIO CAMPANA:** As empreiteiras foram escolhidas, todos nós sabemos, em uma reunião de conluio entre os interesses daqui, os interesses do Stroessner, na época, que aliás reclamou numa reunião claramente porque Dom Sebastião estava na lista, que não estava na lista inicial. Dom Sebastião é o homem da 39m40s [Camarco], ele exigiu, Stroessner exigiu. E no acordo teríamos as empreiteiras do lado de cá reunidas num grande, na Unicon, e do lado de lá teríamos a Conempa, que era entregue, que foi construída para ser o espelho, a correspondente da Unicon do lado de cá. Como só ia acontecer na história latino-americana organizada por um pequeno engenheiro da confiança de Stroessner e seu filho, que vem a ser presidente da república depois do 40m20s [Wasmosy] então é construída a Conempa pro lado de lá. Essas coisas funcionavam o tempo todo do mesmo jeito, em contato, em coisa permanente, como funcionava o que é assessoria de relações.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Assessoria de informações de Itaipu, que é a AESI. Porque nós temos informações a partir do próprio relato, relato não, do relatório da Comissão Nacional da Verdade e também de documentações por nós obtidas no sentido de que a Assessoria de Informações da Itaipu funcionava além do ambiente próprio da construção. Quer dizer, ela fazia também esse processo que você relata: ela estava a serviço desse amplo conglomerado de coleta de informações, de troca de informações de indicação de pessoas a serem detidas, a serem investigadas, investigando, além dos marcos da própria construção da usina, então nós temos, por exemplo, documentos do Rubens Galindo, que a esposa dele, a Sônia Castanheira, foi uma pessoa que inclusive trouxe... foi trazida essa informação para nosso relatório que eles foram demitidos da Itaipu por questões de natureza política, não sei se você tem conhecimento desses fatos.

**FÁBIO CAMPANA:** Soube pelo Alúzio, o jornal...

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** O Rubens Galindo era membro de uma organização política paraguaia, né? A Sônia era esposa dele, funcionaria da 42m 15s [Caeb]. Você poderia, por exemplo, quando houve, você fala que Itaipu é uma grande caixa-preta, por exemplo, o chefe do SNI, ou melhor, retifico, o chefe do DOI-CODI daqui do Paraná, por um determinado período, posteriormente quando há a chamada redemocratização com a eleição do Sarney, ele vai trabalhar no SNI em Brasília, e depois ele retorna e vai ser o chefe da Assessoria de Segurança e Informações da Itaipu quando o filho do deputado Nacle assume a diretoria-geral de Itaipu aqui. Não sei se você se recorda.

**FÁBIO CAMPANA:** Me recordo.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Então ele vai ser o chefe da segurança... Quer dizer, mesmo após o período de redemocratização, essa linha de continuidade vinculada

aos setores de inteligência continua funcionando dentro da ASI da Itaipu. O que você pode nos dizer disso, o que você sabe?

**FÁBIO CAMPANA:** Os setores de inteligência, certos setores de inteligência continuaram funcionando durante muito tempo, alguns eu acho que continuam, na minha humilde percepção de alguém que pode ter ficado com alguns traços paranoides depois da experiência. Eu acho, sim, acho que Itaipu mantém ainda a ideia de que tem necessidade de uma estrutura de informação e segurança para manter a usina do nosso acordo, faz parte da ideia do nosso Exército e entidade qualquer ameaça à usina pode tomar conta do espaço todo, daquele espaço binacional e precisa estar informado de tudo isso, isso significa estar informado sobre pessoas, movimentos, partidos e etc., significa extirpar o tempo todo de dentro da organização, de dentro da estrutura a sua... Itaipu não sofreu durante todo esse tempo nenhuma revisão de seus quadros do ponto de vista oposto, do ponto de vista digamos democrático. Quem contribuiu, quem estava vinculado ao processo anterior e tem culpa no cartório, ou quem participava de processos desse tipo não foi questionado, continua em Itaipu, com a mesma mentalidade, com a mesma coisa. Itaipu tem estabelecido, eu acho que nas suas entranhas, pode ter uma direção hoje que não é a do Nacle, é outra, é a do Samek, ótima figura, ótima coisa, agora Itaipu mantém a ideia interna de que precisa ter informações, de que precisa ter segurança, precisa estar informada. O Paraguai continua a acreditar que precisa estar informado sobre que acontece na fronteira. Continua uma espécie de colaboração, feita entre países, entre órgãos de segurança, entre as relações exteriores feitas a partir de uma visão de segurança entre os países. Isto permanece.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** A minha última pergunta então: você avalia que em certa medida a Assessoria de Segurança e Informações, o que deve ter outro nome hoje, Divisão de Segurança Industrial ou algo assim, ela acaba hoje cumprindo hoje o papel que cumpria toda essa articulação que anteriormente existia, no sentido de investigação, etc.?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu acredito que, na medida do que eles consideram necessário hoje, inclusive, continua. Eu pergunto; agora eu faço uma pergunta pra mim mesmo: Houve alguma mudança? Houve algum questionamento e mudança? Houve muito mais do Paraguai, eu vi, eu tenho os questionamentos feitos lá. Nós olhamos o Paraguai com certo olhar de subestimação, da mesma maneira que outros países nos olham. Lá houve um questionamento muito maior sobre isso. Como desmontar certos mecanismos internos na estrutura de direção e controle de Itaipu, como desmontar certo tamanho dessa estrutura de Itaipu? Ela é necessária, toda ela? Que função têm certos organismos internos? Fora os técnicos, fora os organismos de controle da produção da usina. Para que essa necessidade? Por que esse controle? Num universo que deixou de ser... É um território que não é mais exatamente nosso. Você que é um jurista, me diga, pelo acordo aquele território é o quê? O de Itaipu.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** É um território binacional.

**FÁBIO CAMPANA:** Binacional. Como começa o acordo? Um acordo entre as altas partes contratadas, o que não diz nada, e que estabelece um regramento próprio, leis próprias, ideias próprias de segurança, do seu território como se fosse um país, um principado daqueles e o principado não precisa desse tipo de segurança. Continua, permanece, os governos paraguaios precisam de informação, governos aliados do Paraguai precisam de informação. Itaipu não quer bronca com o Paraguai, oferece tudo que puder para manter boas relações, eu acho que continua desse jeito, não há mudança. É ver, por exemplo, o departamento jurídico de Itaipu, muda a direção, mas embaixo são todos os mesmos, os mesmos que encaminhavam os processos de demissão dos funcionários que eram considerados perniciosos porque tinham ideias que não as ideias que deveriam ser hegemônicas nas questões ligadas à usina, isto é assim, desse jeito que fizemos alguma coisa pra mudar, acho que fizemos, de certa forma, aquela coisa do Lampedusa, mudamos muita coisa para não mudar coisa alguma nestes... Amanhã, se digamos, não acredito nisso, mas digamos que mudasse completamente, você sabe que engenheiros não precisam ser mudados, eles continuam no mesmo lugar e fazem exatamente as mesmas coisas, ligam as chaves e tal, mas nas áreas que tocam essas questões também não seria necessário mudar pra adequá-las ao novo, a uma nova maneira de comandar o país a partir de uma perspectiva autoritária, digamos. Tá lá, tá tudo intacto, como a experiência, um *know-how* maravilhoso de uma época que vem lá de trás, e a maioria dos funcionários vem de lá, estão aí, não foram tocados. Toca-se na direção e o que eu pergunto: o que mudaria nas relações?

Acho que houve, sim, na Itaipu um período de algumas mudanças, inclusive nesse sentido, por incrível que pareça foi no período do Euclides Scalco na presidência, mas foram limitadas, como sempre encontrou obstáculos, aquela coisa “não vamos mexer muito para não criar problemas”; agora é necessário que tivéssemos reuniões dessa comissão da verdade com a verdade do lado de lá, verdade dos paraguaios, vocês já fizeram uma reunião assim? Com eles, fizeram?

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Ainda não.

**FÁBIO CAMPANA:** Essa seria uma boa reunião. A verdade deles, eles têm a sua verdade, eles não estão aí só querendo, não, eles são tratados, inclusive pela nossa direção hoje de Itaipu como gente que quer fazer chantagem, gente que quer tomar mais um pouco, quer tomar de Itaipu, quer levar mais algum. Não, não é isso, eles discutem coisas sérias e discutem coisas desse tipo que estou dizendo agora, coisa que não se discute aqui. Itaipu se discute aqui o que aconteceu fora dela e alguma coisa sobre o que aconteceu com alguns funcionários, ou com funcionários que foram atingidos pela ação externa de Itaipu. Não, mas a Itaipu construiu dentro

daquele monstro a construção de toda uma estrutura que eu acho que está intocada e que no fundamental exerce as mesmas funções.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Quer dizer, você entende que a cultura da ditadura continua dentro da Itaipu?

**FÁBIO CAMPANA:** Continua intocada, se você olhar bem, não só o pessoal do DOI-CODI que atuou aqui, que atuou em outros lugares, foi prestar serviço de segurança em Itaipu. Policiais daqui que serviram a repressão foram trabalhar em Itaipu.

**MÁRCIO:** Pode citar alguns nomes?

**FÁBIO CAMPANA:** Não lembro agora, posso mandar, posso mandar depois ou não?

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Pode, claro.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Conheceu o Zuiderzee?

**FÁBIO CAMPANA:** Quem?

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Zuiderzee Lins do Nascimento, no seu período ele estava lá? Ou você já havia saído?

**FÁBIO CAMPANA:** Não, eu tive que sair de Foz do Iguaçu num período, foi quando foi instalado o MR8 e eu era muito visado na cidade, a direção me tirou de lá, eu vim pra cá, nesse período.

**RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI:** Que ano foi isso?

**FÁBIO CAMPANA:** Isso é 1969.

**RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI:** 69. Que ano o senhor foi para o Paraguai?

**FÁBIO CAMPANA:** Ah! Eu vou bem mais tarde, Paraguai é quando cai o Stroessner.

**RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI:** O Stroessner.

**FÁBIO CAMPANA:** Eu ia antes, mas como clandestino, isso era outra coisa. O Paraguai sempre teve movimentos internos de reação ao regime, Itaipu ajudou a sufocar como divulgação no Brasil, esse sempre foi outro papel de Itaipu. Filtrar notícias, filtrar informações, controlar a rede da mídia, da coisa na fronteira. O que para uma empresa desse tamanho, vocês imaginam

que seja muito fácil.

**CLAUDIA CRISTINA HOFFMAN:** Eu gostaria de perguntar para o senhor... quando o senhor fala que a Itaipu acabou com a sua cidade de infância, o senhor fala do alagamento ou o senhor fala de coisas mais subjetivas como ressentimentos?

**FÁBIO CAMPANA:** De tudo, isso é coisa subjetiva, é claro, Itaipu além de construir a usina nomeou prefeitos que eram coronéis nomeados pelos prefeitos de fronteira ligados umbilicalmente a Itaipu e que usavam verbas de Itaipu pra reconstruir a cidade, refizeram a cidade, sepultaram os rios, fizeram tudo aquilo que não devia fazer e aquela cidade que está lá hoje.

Eu sugiro a esta Comissão da Verdade quem tem verdades a dizer do lado de lá do rio, acho que estabelecer, sabe? Uma relação...

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Nós ouvimos o Doutor Martín Almada lá de Assunção que encontrou os Arquivos Do Terror e nos relatou um pouco de tudo isso, porque também era amigo do Mongelós, do Aníbal. Eu também nessa linha queria lhe perguntar: você veio em 69 pra Curitiba e retornou?

**FÁBIO CAMPANA:** Retornei. 69 é minha saída da região por causa do MR8, eu venho para cá... aí é um problema estratégico, sair de lá, eu era muito visado, eu vim pra cá, aqui minha atividade era organizar um cinturão de apoio que a gente acreditava que o foco, nós éramos “foquistas”...

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Sim.

**FÁBIO CAMPANA:** Achávamos que o foco guerrilheiro ia precisar e por aqui passava também um sistema de abastecimento estratégico do foco. Era por aqui, a gente levava armamentos, munição, essa coisa, da forma mais precária que vocês possam imaginar; vocês imaginam que na época a gente levava armamentos e munição de ônibus até o Parque Nacional, é de morrer de rir, tudo bem.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** mas o que eu queria perguntar é se nesse período que você estava por lá, os agentes da repressão, da ditadura passavam por dentro de Itaipu para fazer suas ações, você sabe alguma coisa disso?

**FÁBIO CAMPANA:** Itaipu começa a ser construída em que ano? 74,75, né? Isso é um período anterior, um pouco anterior, mas nesse período já existia uma varredura na região. Só vai se confirmar depois de uma forma... Eu voltei para lá depois, nesta atividade que era a de

fazer uma ligação dessa região toda, tinha vínculos com Chile, ali na Argentina, ia até Buenos Aires, cone sul. De resistência.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Você nesse período ouviu falar sobre o massacre do Parque Iguaçu que o Aluízio tem uma pesquisa.

**FÁBIO CAMPANA:** Eu 59m00s [?] o livro do Aluízio.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Sim. E você conheceu entre os paraguaios um médico chamado [Goibururu].

**FÁBIO CAMPANA:** Sim.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Conheceu essa pessoa?

**FÁBIO CAMPANA:** Sim. Ele é mais antigo.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** É mais antigo, que depois ele foi pra Argentina, para Misiones e vivia lá, até ser preso, e sabe alguma coisa sobre o monitoramento dele?

**FÁBIO CAMPANA:** Não, eu sei que era monitorado.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Monitorado como todos.

**FÁBIO CAMPANA:** Esse controle ia até Assunção. Por exemplo, na embaixada brasileira nós tínhamos o 59m35s [?] em Assunção, morreu agora, o irmão do Cláudio. O genro dele foi assassinado em Assunção, era um homem que tinha um vínculo com organização. Então esses ciclos eram mais próximos do que se pensava, agora esta relação também entre as organizações de esquerda e os dois lados eram... elas não eram públicas, eram explícitas, elas faziam dessa forma.

Há um período de grande repressão interna no Paraguai, com grande ajuda e que se estende até Foz do Iguaçu, era aquele período inclusive de prisão do Rodolfo, do Stumpfs, do César Cabral, que infelizmente faleceu, vocês ouviram o César?

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Não conseguimos, quando fomos em Foz do Iguaçu, ele estava viajando.

**FÁBIO CAMPANA:** Ele acabou de morrer.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Você chegou a conhecer uma casa que o Exército mantinha no parque, ou ouvir falar, porque conhecer acho que era difícil.

**FÁBIO CAMPANA:** Eu ouvi falar.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Ouviu falar nessa casa?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu sei que o Exército tinha, mas outras instalações, tinha instalações.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Ali mesmo na região?

**FÁBIO CAMPANA:** Sim, na região. Foz do Iguaçu tinha também Exército, tinha fazendas, treinamento. O Exército não se limitava àquele espaço físico do batalhão do Exército, do batalhão fronteira, ele tinha outros espaços e se organizava nesses outros espaços, inclusive pra repressão.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Indicado por várias pessoas como espaço de tortura. O que você podia nos contar sobre isso.

**FÁBIO CAMPANA:** Olha, eu só estive no batalhão detido uma vez, somente uma vez. Foi muito antes, o coronel era o Coronel Belo, mas logo fui trazido para cá, eu sei, tenho informações de dentro... Eu preciso rememorar, preciso fazer um... é muito tempo. Agora, por exemplo, me veio essa lembrança porque ele fez essa pergunta. Mas é claro que havia tortura, havia prisão e tortura no batalhão e normalmente você tinha também, dentro do batalhão, você tinha organismos, por exemplo, o famoso Sargento Reis, um homem que da repressão ao contrabando, se transformou em contrabandista, se transformou num grande bandido e que servia também a repressão.

Então você tinha grupos, como este, desse tipo, que não faziam parte mais, exatamente do corpo, do corpo, não faziam parte da estrutura hierárquica, a estrutura do Exército, eram corpos que saíam dessa... o mais claro, que não funcionariam a anuência, sem o conhecimento do comando.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Fábio, dessa perspectiva de uma cadeia de comando, quem foram os comandantes e outras pessoas que se destacaram no período de repressão, pela enfim, pela prática de tortura, por consentir ou, que tenha alguns nomes assim que você...

**FÁBIO CAMPANA:** Que eu lembro da minha época que eu estava lá, era um coronel que se estabeleceu aqui que é o 1h04m20s [Pércio Ferreira], tem que fazer um esforço de memória, eu não sei se eu posso adiantar depois alguma coisa para vocês por escrito, gostaria, não cometer equívocos, eu tenho anotações.

Você tinha gente que já não estava nessa estrutura, ela saía, no momento eram pessoas

que exerciam funções desse tipo, um pouco à margem. Eram, faziam parte do corpo, mas como estruturas, com funções específicas.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Sobre essa afirmação, quer dizer, nós tínhamos estruturas oficiais e estruturas paralelas às oficiais, que não necessariamente estavam vinculadas aos organismos oficiais de repressão, é isso?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu acho que estavam vinculadas ao sistema geral da repressão, os organismos de repressão, dentro, que, veja bem, dentro do Exército você tem uma estrutura, os soldados, que entram todos os anos, os comandantes de pelotão, companhias de batalhão etc. e tal. Isso funciona e você tem organismos dentro disso que saem, se destacam disso pra cumprir funções específicas.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Sim, era as S2.

**FÁBIO CAMPANA:** Hã?

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** S2, PS2 no Exército, P2 na Política Militar. Isso continua existindo.

**FÁBIO CAMPANA:** Pode ter essa coisa, ou funções específicas, dissimuladas, como o combate a outras... Ao narcotráfico, ao contrabando, a isto ou aquilo, que não precisa declarar exatamente a repressão política.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Uma pergunta a mais. Você fez referência a esse sargento Reis, um contrabandista etc. Você pode afirmar que havia uma colaboração ou uma conexão ou uma coexistência pacífica entre setores notoriamente criminosos com a repressão no sentido que eles passavam informações para repressão, e a repressão permitia o exercício dessas atividades ilegais?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu acho que em um período, sim. Eu acredito.

**MÁRCIO:** Algumas perguntas? Não sei se vamos mesclar ou respeitamos a ordem de todos que estão fazendo questões?

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Só um pouquinho, deixa ele responder.

**MÁRCIO:** Não, sim, é só para a gente saber o método.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Só deixa ele terminar de responder.

**FÁBIO CAMPANA:** Eu acho até que havia infiltrados, gente nessa área para exatamente



cumprir essa função. Eu acho que era a rede, coisa de informações, num determinado momento chegou a ser muito mais capilarizada do que se pensa.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Fazer as inscrições aqui para facilitar.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** E depois eu gostaria de...

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Agora você já não fala mais.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Não, só pra não misturar os assuntos, porque o nosso depoente também foi secretário da comunicação e quando na secretaria da comunicação do estado, foram abertos os arquivos do DOPS. Então é outro momento que gostaria de ouvi-los a respeito disso.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Então, por inscrição, o Márcio depois o Norton, vou me inscrever também.

**MÁRCIO:** Bom, eu sou o Márcio, sou membro da Comissão Estadual. Eu tive na minha juventude a oportunidade de conhecer o seu irmão, o Silvio. Inclusive tive na casa da sua família lá em Foz e lá ouvi algumas histórias, acho até que foi em função dessas histórias que a gente conversou de te trazer aqui, não só, claro, toda sua trajetória, mas também por isso. Queria que você falasse um pouco pra nós sobre essa atuação da sua família em Foz. Parece que vocês tinham uma pequena indústria de areia, que fornecia areia para Itaipu também.

**FÁBIO CAMPANA:** Minha família, meu tio, meu pai, eram sócios de uma extração de areia que fornecia para a cidade e depois forneceu para todo mundo, acho que também talvez para Itaipu, eu não tinha uma relação nessa época com a família muito estreita.

**MÁRCIO:** Nessa ocasião o Sílvio contou a história, disse que vocês eram uma das pequenas fornecedoras para a grande quantidade de cimento que foi usado pra fazer Itaipu, né? As grandes empresas lá do local. E que versa nas histórias que o Sílvio colocava é que muita gente morreu naquele processo de construção de Itaipu. Que caíram no meio da areia e ficavam, segundo relatos que se ouvem, diz que tem vários corpos nas muradas de Itaipu. Isso é de conhecimento?

**FÁBIO CAMPANA:** Veja, eu não sei te dizer isso. Eu ouvi relatos sobre essas coisas e eu não sei até onde separar a lenda, a imaginação, a informação, a memória confundida, com a imaginação, os fatos da realidade. Eu acredito que havia num determinado período... a obra teve uma taxa de mortalidade muito grande; é superior à média, aquela coisa que é feita em todas as obras como expectativas e depois com confirmação de mortos. Houve um período de apressar também a obra.

**MÁRCIO:** Entendi. Viu, Fábio, a sua militância você descreve aqui que ela é preferencialmente no MR8, aliás, a maior parte dela é no MR8, o senhor teve atuação antes ou depois, em outra organização?

**FÁBIO CAMPANA:** Não, a minha militância começa no PCB.

**MÁRCIO:** Que ano?

**FÁBIO CAMPANA:** 13 anos, PCB em Foz do Iguaçu.

**MÁRCIO:** Está bem, em que ano você...?

**FÁBIO CAMPANA:** 1960.

**MÁRCIO:** 60. Como que era a organização sindical na época, existia alguma atuação organizada dos sindicatos?

**FÁBIO CAMPANA:** Existia a atividade econômica em Foz do Iguaçu; eram fundamentalmente as madeireiras. Já a extração do mate era muito pequena. O que tinha sido substituído as plantações de mate no norte da Argentina eram as madeireiras. Havia alguma organização sindical, mas era extremamente reprimida pelos madeireiros.

**MÁRCIO:** Ela tinha influência de alguma força política essa organização sindical?

**FÁBIO CAMPANA:** As influências políticas eram pequenas, eram limitadas.

**MÁRCIO:** Até porque de esquerda mesmo antes do golpe era essencialmente o PCB que atuava.

**FÁBIO CAMPANA:** Era o PCB que atuava na região, do qual eu fazia parte. O PCB na região na época tinha o seu, que nós chamávamos esquema, como era o nome? A palavra? Era o esquema militar que existia, tinha uma organização dentro do Exército e essa também foi toda banida em 64. Eu lembro quem comandava esse esquema do partido era o capitão 1h12m45s [?]

**MÁRCIO:** Quando você passa a militar no MR8?

**FÁBIO CAMPANA:** Em 1967.

**MÁRCIO:** 67, mas é do PCB para o MR8 ou você transitou em algum outro lugar?

**FÁBIO CAMPANA:** Do PCB. Depois de 64, eu fui preso primeiro em 64, minha primeira prisão.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Com 15 anos?

**FÁBIO CAMPANA:** Com 16, em 64, não tinha feito ainda 17, fui preso aqui no Boqueirão, não no quartel do Boqueirão, num quartel que tinha do lado. Acho que ainda existe.

**MÁRCIO:** O senhor foi trazido para cá?

**FÁBIO CAMPANA:** RC MEC. Fui preso aqui, nessa época estudava em Curitiba, com o irmão do Doutor Olympio.

**MÁRCIO:** Ahã, desse... perdão, desculpa.

**FÁBIO CAMPANA:** Fui preso aqui no RC MEC, reconhecimento mecanizado. O comandante era um cidadão chamado Major 1h15m30s [?], não sei se ouviram falar, essa foi a primeira prisão. Depois fui preso várias vezes, mas eram prisões... Em 69 que a barra pesou.

**MÁRCIO:** Das suas prisões qual foi a que durou mais tempo?

**FÁBIO CAMPANA:** A prisão ruim foi depois da queda do MR8. Antes do MR8 nós tivemos, nós tínhamos algumas divergências aqui, nós achávamos que o foco não ia perdurar, que a repressão lá era muito grande. Tanto é que o Aluízio e o pessoal estavam desmobilizando na região, Foz do Iguaçu, está nas memórias do Aluízio. Mas então ele caiu, foi preso num acidente de trânsito, foram presos. A partir daí algumas pessoas no Rio De Janeiro... e a partir dessas prisões no Rio nós fomos presos aqui. Aqui eu fui preso, primeiro pelo DOPS, fiquei no DOPS um tempo, do DOPS eu fui pro Ahú, fiquei preso aqui no Ahú esperando e depois do Ahú eu fui levado por Cenimar no Rio; fiquei no Primeiro Distrito Naval ali na Praça Mauá, foi o período mais difícil da minha vida.

**MÁRCIO:** Imagino

**FÁBIO CAMPANA:** E depois de passar esse período fui para Ilha das Flores, fiquei preso na Ilha das Flores onde também tive... eram, foi feito.

**MÁRCIO:** Imagino. O senhor fala “nós fomos presos”, quem foi preso com o senhor? O senhor lembra?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu fui preso aqui, uma pessoa muito ligada a mim foi presa lá e ficou com o Exército, que era Cândido Gomes Gaya, acho que vocês não ouviram [falar dele], ouviram?

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Não.

**MÁRCIO:** Não. Cândido Gomes Gaya.

**FÁBIO CAMPANA:** Cândido Gomes Gaya era o homem do MR-8 que fez todo o levantamento dos rios da região. Éramos tão ligados que tínhamos apelidos iguais, parecidos. Eu era Zapata, e ele era o Zapatinha. Tínhamos uma ligação.

**MÁRCIO:** Entendi. De 75 a 82 que é o período de construção da hidrelétrica de Itaipu, segundo relatos, a sua militância já não era mais em Foz, era aqui em Curitiba, é isso?

**FÁBIO CAMPANA:** Era aqui, mas eu tinha uma relação exatamente com esta... aí de 75 em diante eu começo a militar com uma relação, eu volto para o partido, mas volto pro PCdoB, o MR8 desapareceu, seus militantes foram, uma parte, pro DPR, outros pro DCR. Eu voltei pro PCdoB e aí passo a militar no PCdoB.

**NORTON NOHAMA:** Entendi.

**FÁBIO CAMPANA:** E no PCdoB eu... Uma de minhas tarefas era essa relação continuada com os movimentos de resistência às ditaduras do cone sul.

**MÁRCIO:** Do cone sul.

**FÁBIO CAMPANA:** Eu tinha uma relação constante com a fronteira, com os paraguaios, com argentinos. Aí quando começa o período, de eleições, nós chegamos, eleições aquelas coisas todas. Eu chego a ser secretário, aí no governo do Álvaro Dias aqui governador, esta é uma boa, talvez tenha sido o melhor ato do governo dele – foi apoiar e ajudar a fazer este grande ato que era o de reunir estas, todos esses movimentos em Buenos Aires, onde o Alfonsinho patrocinou.

**MÁRCIO:** Que foi o Encontro da Prata, esse que vocês chamam de Encontro da Prata. Só mais uma questão...

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Só pra não perder ali, porque eu acho que ficou uma... em relação a tortura, né? Talvez não seja muito fácil falar sobre isso, mas se você pudesse indicar os locais onde você foi torturado e as pessoas que você pode identificar como torturadores, diretamente ou que estavam no comando nos espaços onde você esteve preso e torturado.

**FÁBIO CAMPANA:** Bom, as primeiras prisões, eu não sofri tortura, a tortura em 64 teve ameaças, o Major 1h19m25s [?] ia nos ver. Nós fomos presos numa sala maior, era um outro sistema [?] ele parecia com [?], fazia...era um oficial de cavalaria [inaudível], mas é a prisão em

69, sou preso pelo DOPS aqui, já tinha caído Aluizio lá, pessoal no Rio, quando nós caímos aqui e no DOPS aqui eu sofri. Ah! Desculpe.

Aqui no DOPS, na Rua João Negrão, era o DOPS nessa época, antes eu estive nos outros, lá na Visconde do Rio Branco e tal, nessa época o DOPS funcionava na João Negrão, já era o delegado do DOPS Ozias Algauer, que muitos ex-presos acham que foi um bom sujeito.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Que foi o quê?

**FÁBIO CAMPANA:** Que foi um bom sujeito, que não era. Eu fui torturado por ele pessoalmente, ele presente, com policiais presentes. Tortura de amarrado a coisa, apanhar na cara, cacete, esse tipo de tortura, e eles tentando que eu dissesse coisas, entregasse coisas do MR8, o que afinal não aconteceu, porque eles queriam prestar. Ozias Algauer substituiu aqui, foi um delegado que assumiu para assumir uma relação direta com o sistema de segurança nacional, ele era... tentava ser aqui o 1h21m30s [Fleury]. Antes disso, nós tínhamos delegados do DOPS que eram delegados comuns e que não cumpriam sua função direito. O primeiro em 64 era o Zacarias que mandava avisar “ó, estão querendo prender vocês”, mandava avisar na boca maldita “suma daí”, esse tipo de coisa, e Ozias assume para fazer isso. Com uma vontade de subir na carreira e se tornar um grande sujeito.

Aí vou para o Ahú, quando fico esperando, na verdade, outras decisões. No Ahú não sofria nada, fiquei preso num coletivo com um monte de gente. Vítório Sorotiuk, Alberto 1h22m15s [?], ali misturavam organização, cada um tinha o seu time, não sofri nada até ser transferido daqui pelo Cenimar para o Rio de Janeiro

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Quando você foi pro Ahú, você já era “preso”, entre aspas, respondendo um processo.

**FÁBIO CAMPANA:** Era preso a pedido da informação, preso a pedido do Cenimar. Era procurado antes.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Mas você estava no Ahú já respondendo processo, que já tinha sido apresentado a juiz ou ia ser.

**FÁBIO CAMPANA:** Não, não tinha sido. O processo ainda não tinha sido apresentado, isso eu sei, explico o porquê. O Cenimar pedia, estava...

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Não, mas quando você foi pro Ahú, você já tinha sido apresentado. Porque você não podia ser remetido ao Ahú se não tivesse um processo.

**FÁBIO CAMPANA:** Querido, eu acho que na época todo mundo podia ser remetido a

qualquer lugar, sem coisa. Eu acho que a salvação Ahú na época era o comandante do Ahú que realmente era um sujeito que merece, já escrevi sobre isso.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Era o Furquim?

**FÁBIO CAMPANA:** Era o Furquim. Que não permitia a saída de nenhum de nós de lá, pelo Cenimar ou quem quer que fosse, sem registro, que este era... Você sumir.

Bom, eu fui para o Rio, fiquei preso no Rio, primeiro ali no Primeiro Distrito Naval, que é ali na Praça Mauá onde era o antigo Ministério da Marinha, fiquei numas prisões que eram porões, eu gostaria inclusive de ver um, consigo imaginar, durante muito tempo não consegui falar sobre esse tipo de coisa até escrever sobre isso. E ali eu fiquei muito tempo preso, em surdas, são celas fechadas, aquela coisa, e era levado para cima, eu lembro, para cima.

Eu lembro que depois, na Ilha, quando fui levado pra Ilha, consegui identificar um dos meus algozes, né? Que era o famoso Doutor Silvana, Doutor Cláudio, sujeito baixinho que usava óculos fundo de garrafa e tinha prazer enorme na tortura. E eu era levado, já nessa época, já usavam capuz, era encapuzado e levado pra cima; eu lembro que a gente subia e ali era interrogado, era pau de arara, choque, choque no ânus, no escroto, nas têmporas, ali era barra pesada. Eu não consigo precisar quanto tempo eu passei por isso, e era devolvido; depois de certo tempo não faziam nem perguntas, era um ritual, eu lembro que eu ouvia muito, ouvia gente gritando, gente sendo torturada na minha... E eu não sei até hoje, tudo isso se mistura, se eram, que depois você começa criar coisas, eu não sei se eram verdadeiras ou eram pra impressionar. Eu acho hoje que eram verdadeiras. Por que, né?

**MÁRCIO:** Que tipo de informação eles pediam nesse processo de tortura?

**FÁBIO CAMPANA:** Eles queriam saber muito dos paraguaios.

**MÁRCIO:** Dos paraguaios?

**FÁBIO CAMPANA:** No meu caso, porque o resto do lado de cá do MR-8 já tinha caído. Eles queriam saber dos paraguaios. Eles queriam saber sobre Rodolfo, sobre o César Cabral especialmente.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Tinha paraguaio te interrogando também ou só brasileiro?

**FÁBIO CAMPANA:** Tinha pessoas, mas não teve nenhum paraguaio que fizesse pergunta; eu desconfio que tinha paraguaios me interrogando. Me interrogando, não, paraguaios presentes, mas nenhum me fez pergunta, nenhum me dirigiu porque eu saberia, mas eles queriam muito

saber sobre eles, quem eram, sobre o Remígio especialmente, que era o... a fixação, Remígio, um cara treinado, treinado em Cuba, um ser especial, militante especial. Realmente eu não tinha nada a dizer pra eles, não sabia. Ali foi pesado.

Depois sofri alguma coisa na Ilha das Flores, uma casa que existia nos fundos, me levaram uma vez pra nova inquirição sobre isso. Na Ilha das Flores eu saí dessa surda, aí me levaram pra Ilha num desses barcos de desembarque. Fiquei na guarita, na Ilha das Flores, um lugar que você então não fica de pé, fica ali, já essa surda, no primeiro distrito naval, um lugar estreitíssimo, escuro, você não ouve e perde completamente a noção de tempo, de realidade, de coisa, é muito complicado.

Bom, e fiquei na Ilha, tive bons advogados, meu advogado aqui era o Luiz Felipe 1h29m10s [?], que era meu companheiro de organização.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** De?

**FÁBIO CAMPANA:** Luiz Felipe [?].

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Sim, companheiro de?

**FÁBIO CAMPANA:** Organização, militamos juntos, hoje posso contar. E que no Rio ele conseguiu um advogado que me ajudou muito que era o Carlos 1h29m25s [Sequinte]. Não sei precisar tempo, eu estou [colocando] mais ou menos meses nisso tudo, neste conjunto da obra.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Desculpe, o que é mais ou menos aquilo que o Daniel já diz. Durante aquele período todo você já foi apresentado ao juízo, em nenhum momento?

**FÁBIO CAMPANA:** Nada, não, não.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Tudo clandestino? Sem comunicação...

**FÁBIO CAMPANA:** Eu só fui apresentado muito tempo depois. Nenhum, não tinha nenhuma. Lembro de outra figura que eu achava estranhíssima que subia, também vejo bem, e muito difícil fazer relatos desta situação. Eu lembro que era um cara que subia, que aparecia, usava gravata borboleta e que eu acredito que falava inglês, era isso, mas eu, se você me perguntar, eu posso ter criado esse personagem depois da surda. Isso é muito complicado.

Há um realismo e um irrealismo fantástico também nessas coisas, mas eu tenho clareza, tenho nitidez sobre a cara das figuras, sobre a cara desse Doutor Cláudio e do na ilha do chamado Doutor Balança, porque a única coisa que o médico fazia na Ilha era pesar a gente –

ele chegava, pesava e mandava embora, anotava o peso.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Você reconheceu dentre esses torturados algum personagem que depois publicamente você venha a reconhecê-lo? Pessoas, figuras tidas como torturadores, a Comissão Nacional Da Verdade divulgou fotos.

**FÁBIO CAMPANA:** A maior parte da tortura que eu sofri, no pau de arara, na coisa, é difícil, eu lembro dessas figuras quando chegavam, lembro da cara que me fazia perguntas, que era esse cara. Eu aqui em Curitiba tinha certeza que reconheceram uma figura que estava nos meus interrogatórios aqui no DOPS; procurei investigar as figuras exaustivamente e tal, complicado isso.

**MÁRCIO:** Eu tenho mais uma pergunta aqui, o senhor fala que em essência eles queriam saber dos paraguaios. É porque o movimento de resistência em Foz, da parte do movimento sindical ou dos partidos não tinha tanta importância? Ou porque de fato, entende o que eu quero falar, né?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu acho que naquela época o foco deles era o movimento armado, para eles era [isso].

**MÁRCIO:** Era da maior importância.

**FÁBIO CAMPANA:** Estavam alopados com aquilo, queriam saber se tinham vínculos na Argentina, coisas, mas no Paraguai e este cidadão o Remígio... Eles tinham informações, essa informação eles tinham do Paraguai, óbvio, não era, é outro lugar.

**MÁRCIO:** Entendi, e você então tem o início da tua militância no PCB, depois MR-8 e depois volta ao PCdoB, volta não, né? Vai ao PCdoB. Quando? Que período foi essa militância, você encerra tua militância no PCdoB?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu estive em 1981 na Albânia, estive em outros países e estive na Albânia onde fiquei um período maior. Isto em vez de aprofundar minha fé, me criou um grave conflito de... Hoje eu acredito que da fé que existia, era uma fé uma coisa muito parecida com religião, embora eu acreditasse, isto somado a mudança de posição do PCdoB, que de partidos de quadros passou a ser partido de massas, adotou a ideia de que deixava de ser partido de quadros pra ser partido de massas, afastou não só eu, afastou um conjunto de pessoas. Nós do período anterior éramos adversários do PT. Eu continuei e o partido hoje está bem refestelado no poder.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Doutor Olympio vai ter que se retirar



porque tem um compromisso.

**OLYMPIO DE SÁ SOTTO MAIOR NETO:** Foi uma alegria revê-lo 1h35m20s [inaudível], depoimento emocionante.

**FÁBIO CAMPANA:** Agradeço.

**NORTON NOHAMA:** Posso seguir as perguntas?

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Sim.

**NORTON NOHAMA:** Vou fazer umas perguntas mais rápidas, Fábio. No sentido de tentar eventualmente colher um pouco mais de informações... Eventualmente você pode contribuir também nessas questões que vou lhe perguntar. Você conseguia perceber no processo de construção da Itaipu principalmente e a repressão naquela região Brasil, Uruguai, Argentina, enfim, a Itaipu como um braço financeiro de financiamento da repressão?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu não posso afirmar isso, mas eu creio que Itaipu passou a ser o braço financeiro de tudo e passou a ser o braço financeiro de todas as iniciativas políticas da região e no Paraguai com certeza. Quando vou para o Paraguai para ver de perto, e o Paraguai é um microcosmo político, você enxerga esta coisa muito claramente, os aportes de Itaipu para garantir, por exemplo, a manutenção do Partido Colorado no poder, é brutal, invencível, diria a você. Naquele período manter o Partido Colorado no poder era uma questão de Estado, era tratado como questão de Estado, era tratado pela Embaixada brasileira em Assunção, não era uma questão, era uma questão, isto era realizado dessa maneira. Eu acho que Itaipu tinha verbas para a segurança e verbas mais fáceis e mais “porradas” que qualquer outro organismo brasileiro e sem as dificuldades de ter que aprovar o orçamento, empenhar a verba, “ó, precisamos empenhar tanto pra a tortura” aquela coisa toda, não, Itaipu liberava verbas sem nenhuma dificuldade para iniciativas de segurança.

**NORTON NOHAMA:** A outra pergunta que queria lhe fazer é em relação à embaixada. Me parece que no primeiro momento da construção da Itaipu tanto escritório da engenharia, da, enfim, administração da construção da Itaipu, como a própria embaixada do Brasil, enfim, estavam no mesmo espaço físico, no mesmo prédio e se sabe que a embaixada brasileira teve papel importante nessa região, na repressão, na ousadia dos militares que tiveram um papel importante e não sei se era visível e de que maneira era visível essa relação entre a repressão a embaixada, o regime militar, a Itaipu, não sei se você tem um pouco essa percepção.

**FÁBIO CAMPANA:** Acho que existiu uma promiscuidade plena, se virmos do ponto de vista hoje como entendemos as instituições. Para eles não, para eles era comunhão em torno de um

grande objetivo. Temos que entender que para o Brasil, como política de Estado, como questão e Estado, a permanência do Stroessner no poder vai até a queda do Stroessner. Não é uma escolha isolada, é uma questão de Estado, que nós disputávamos, e você veja, nossos vizinhos argentinos apoiaram durante longo tempo as candidaturas e todos os movimentos contra o Stroessner, o grande sustentáculo do Stroessner desde que ele assume o poder foi o Brasil. Toda a política pendular do Stroessner acabou numa eleição do Brasil como parceiro.

**NORTON NOHAMA:** E outra pergunta que eu queria fazer: talvez você possa ter alguma informação que nos ajude em relação ao Alberi; o Alberi era um sargento do Exército, participou da guerrilha de Três Passos. Em dado momento ele passa, ele foi cooptado, ele passa a cooperar com a repressão, ele é a pessoa que leva os seis militantes para a chacina na Estrada do Colono. Em relação ao Alberi, não sei se você tem alguma informação adicional que pudesse nos trazer.

**FÁBIO CAMPANA:** Nenhuma. Toda a informação que eu tenho talvez seja a que você tenha; toda a informação que eu tenho talvez seja aquela que o Aluizio vai te contar amanhã. Essa é a informação que eu tenho do Alberi, e acho que o homem mais informado sobre isso com certeza é o Aluizio.

**NORTON NOHAMA:** Perfeito. Tem mais alguns casos que eu queria aproveitar a sua presença para, eventualmente, se você tem alguma contribuição a nos dar, nos ajudar bastante. Uma delas é em relação ao caso da Lilian 1h41m30s [?] do [Escabosa].

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** [inaudível] [Rolemberg], não...

**NORTON NOHAMA:** Isso! É um casal de Paraguiaios, de argentinos que faz a travessia do rio lá na região, [foram] surpreendidos.

**FÁBIO CAMPANA:** Eles vão até lá, são surpreendidos, um barco.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** No barco.

**FÁBIO CAMPANA:** No barco.

**NORTON NOHAMA:** Isso, em relação a esse caso você tem algum...

**FÁBIO CAMPANA:** Só os fatos, o factual.

**NORTON NOHAMA:** Perfeito, queria lhe aproveitar também para perguntar em relação ao processo de construção da Itaipu e a questão dos conflitos, a questão de terras, em relação a camponeses na formação do lago e em relação a indígenas que são dois temas que nos interessa

bastante. Se você poderia...

**FÁBIO CAMPANA:** Eu acho que os indígenas foram atropelados, simplesmente atropelados, foram retirados como os camponeses, todos, e do lado do Paraguai então, com uma facilidade, mas aqui também. Tão... De maneira tão fácil quanto fizeram do lado de lá, simplesmente atropelados, retirados, levados e pronto. Não houve [nada], né? Houve é claro aquela resistência, indenização, houve a Pastoral da Terra. O Gernote Kirinus tem papel importante, o levantamento, mas eu acho que, pode falar, mas foram atropelados e atropelados mesmo, sem dó.

**NORTON NOHAMA:** Obrigado.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Algum outro colaborador? O Jefferson? Se apresente Jefferson, que você chegou depois.

**JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** Bom dia, meu nome é Jefferson, eu trabalho no CAOP [Centro de Apoio Operacional das Promotorias], Ministério Público, junto com o Doutor Olympio, aliás, trabalho pra o Doutor Olympio, não junto. Sou professor de história e tenho colaborado com a comissão. A minha pergunta refere-se a um nome que você falou aqui e de quem a gente tem poucas referências, o Coronel Belo. As duas que nós temos tratam dele na questão de retirada de gente para criação do Parque, gente que eu digo indígenas e camponeses. São duas vezes que aparece nesse sentido; em outro caso teve uma denúncia contra ele – ele tentou implicar o denunciante, que eu não lembro mais, mas é uma pessoa do PMDB de Foz, na Lei de Segurança Nacional. Mas então eu queria que você falasse sobre ele, a gente procurou em várias fontes, não encontramos.

**FÁBIO CAMPANA:** Olha, como eu te falei, o Coronel Belo... eu fui levado ao batalhão de Foz do Iguaçu, eu tenho um incidente com ele, estranho, que eu fui levado, ele queria saber o que eu estava fazendo lá na cidade, qual era minha ocupação, era um fim de tarde, de repente teve um toque e tal ele levantou-se, ficou em posição de continência, eu continuei sentado, ele terminou aquele toque, aquela coisa e tal, ele voltou-se e me deu um esporro porque era o arreamento da bandeira e eu não respeitava a bandeira, nem coisa nenhuma. Um troço assim; fiquei detido, na época não existia aquele prédio aqui na frente ainda, no batalhão, era o segundo prédio, tinha umas celas ali, fiquei detido ali um tempo. E depois fui solto, é a única relação que eu tive com o Coronel Belo, mas ele 1h46m30s [?] de alguma forma... porque eu fui levado ao batalhão, e fui levado pelo jipe do Exército, penso eu para ser inquirido por ele; ele queria saber o que eu estava falando, o que eu disse a ele é que estava visitando familiares e tal. Não tenho... me pareceu um sujeito de poucas musas, sujeito tosco, mas também não era incomum, não sei de outras histórias que eu relacione dessa forma. Infelizmente não tenho essas

informações.

**JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** Reforçando, né? A questão que o Norton levantou, né? Você ouviu a expressão que era atribuída ao Costa Cavalcante, o general, né? Que era “animais para o parque e indígenas para o Paraguai”.

**FÁBIO CAMPANA:** É, sim, não foram só para o Paraguai, expulsaram para onde podiam.

**JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** Ok. Em relação ao Coronel, o que tem mesmo é caso de denúncia que ele agredia, que soldados do serviço dele arrancaram a força e agrediam os indígenas. Simplesmente “sobe no caminhão”, mas só duas referências, por isso a gente estava tentando entender melhor. Obrigado.

**FÁBIO CAMPANA:** Comportamento tolo era esse, uma soberba, qualquer soldado se sentia no direito de impor tudo sobre todos dessa forma. Uma das características desse processo.

**JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** Desculpe, eu não perguntei para o senhor, mas em que ano foi isso que o senhor contou agora, que ele levou o senhor.

**FÁBIO CAMPANA:** Deve ter sido... isso foi antes das minhas prisões, deve ter sido em 67.

**JEFFERSON DE OLIVEIRA SALLES:** Ok, obrigado.

**RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI:** Raquel, também trabalho no CAOP de Direitos Humanos. Em relação à questão camponesa e indígena tem uma colaboração muito forte com a sociedade civil na repressão contra esses povos. O senhor pode citar ou lembra de algum fazendeiro da região que colaborasse com o exército na retirada dos indígenas? Ou dos camponeses?

**FÁBIO CAMPANA:** Não.

**RAQUEL DE SOUZA FERREIRA OSOWSKI:** Não há?

**FÁBIO CAMPANA:** Quem pode falar sobre isso é o Kirinus. Qualquer, neste caso, qualquer outra voz deve... eu não tenho essas informações. As informações que... as informações é que isso existia, mas não tenho informações, fatos específicos.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Fábio, vamos mudar um pouco a abordagem temporal aqui. Você foi secretário de comunicação do estado em que período?

**FÁBIO CAMPANA:** Período Álvaro Dias.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** E posteriormente, foi nesse período ou no período posterior que foram abertos os arquivos do DOPS.

**FÁBIO CAMPANA:** Eu fui depois secretário do Requião, foi nesse período em que eu era secretário do Requião que foram abertos os arquivos da DOPS.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** E o que você pode nos relatar a respeito desse... já tive a oportunidade de ver um filme no Youtube sobre isso, detalhes assim. Primeiro esses arquivos, vocês entendem, você entende que esses arquivos estão íntegros, houve retirada de documentos ou não houve? Quais são as circunstâncias? Uma avaliação que você possa fazer disso.

**FÁBIO CAMPANA:** Bom, eu estava lá quando foram abertos os arquivos. Primeira coisa: eram arquivos que nos deram ideia que o DOPS continuou funcionando mesmo depois da chegada do governo do PMDB e durante muito tempo com certa autonomia e ligação a outros órgãos de segurança e continuou seguindo pessoas, eu mesmo, estava lá a minha ficha, registros. Registros mais ridículos, “esteve presente ontem em tal lugar”, esta coisa, como outros que eu vi. Eu acho que provavelmente, a minha impressão, os registros, se havia registros importantes, muito importantes, eles foram retirados, porque eu não encontrei nenhum que fosse capital. Olha, [inaudível] uma ficha, uma coisa fundamental que esclarece este fato, essa situação histórica, as fichas eram, algumas risíveis. Se você olhar elas estão todas, o arquivo está todo ali no Arquivo Público do Paraná, você verá que é pouca... eu acho que de pouca valia. Inclusive para a pesquisa histórica.

**MÁRCIO:** É que são dois momentos, tem as fichas e tem as pastas. Você teve acesso às fichas e às pastas?

**FÁBIO CAMPANA:** Sim.

**MÁRCIO:** E da mesma forma nas pastas não havia nada que você considerasse relevante?

**FÁBIO CAMPANA:** Eu não achei, você achou?

**MÁRCIO:** A mim me serviu muito no meu projeto de mestrado, que foi bem contemporâneo a isso, a abertura dos arquivos, eu tive muita informação, mas, assim, concordo que foram as informações, como não tinha nenhuma informação, as informações que tinham lá me serviram, por ser trabalho pioneiro, por ser um dos primeiros a pesquisar lá, mas de fato eu concordo que coisas assim que fossem cruciais, talvez não, mas tem esse fator que as pastas geralmente nos davam a percepção de poder se aprofundar mais. Aquela época ainda tinha pouca coisa microfilmada, a maioria tinha que manusear mesmo.

**FÁBIO CAMPANA:** Era papel.

**MÁRCIO:** Papel. Então no meu caso foi de valia, mas acredito que...

**FÁBIO CAMPANA:** Quando eu fui para o governo nesse momento, nesse governo de Álvaro, nesse governo, foram para o governo comigo alguns companheiros antigos, inclusive dirigentes do MR8 que estiveram comigo, como Nielse Fernandes, e Nielse foi aos arquivos especificamente para olhar os arquivos e ver o que encontrava inclusive nas pastas, essa coisa toda. O que queríamos encontrar sobre esses outros assuntos que vocês perguntaram antes, não existia nada. Eu acho que pode ter existido, acho que se houve algo que pudesse constituir crime eles retiraram, porque durou muito tempo entre a vitória eleitoral do PMDB e a abertura dos arquivos. Veja, isso foi em 82, 83 a 91, são 8 anos que essas pastas, essas fichas ficaram lá, quem queria tirar, se alguém torturou, alguém matou alguém, não iria deixar, e teria acesso aos arquivos.

**MÁRCIO:** 91 é quando abre as fichas, só você podia consultar, ao público foi aberto depois, foi em 2000, 2001, para que o povo pudesse...

**FÁBIO CAMPANA:** Talvez até erradamente pudesse consultar, fui lá, o Nielse foi lá, vimos, olhamos em primeira mão. E ainda assim tinha isso, o público só poderia consultar depois, nessa época, dar um requerimento, cada um olhar a sua... Então você veja, é muito tempo para você manter documentos que podem incriminar gente, que estavam na estrutura, que continuam, acho que alguns ainda estão aí.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Algum colaborador ou membro da comissão quer?

**MÁRCIO:** Eu, enfim, na verdade, assim, eu queria e até meio que encerrando, queria que você fizesse alguma consideração em relação a esse trabalho que a gente vem desenvolvendo, que a Comissão Nacional da Verdade desenvolveu, qual a relevância, se nós deveríamos ouvir mais alguém, esquecemos de falar de alguém aqui que seria importante a gente ouvir ainda, apesar de estarmos caminhando para as retas finais dos trabalhos.

**FÁBIO CAMPANA:** Eu acho fundamental, importantíssimo, é claro, até porque exatamente as fontes primárias de consulta elas não estarão aí, acho que um trabalho da Comissão reestabelece muito disso, é claro, isso é fundamental, ouvir as pessoas da época, embora a memória traia, a memória tenha suas armadilhas, é fundamental. Me pergunto às vezes se uma comissão como essa não devia ser permanente, por que tem que ter prazo? Acho que neste caso ela não pode ter prazo, são questões... E ela não deveria ter prazo também de investigação, ela

devia ser permanente e sobre seus temas permanentemente... inclusive sobre fatos agora, recentes, porque partimos do pressuposto que de algum tempo para cá nada acontece, mas que tenha relevância do ponto de vista... Só estamos investigando o que aconteceu durante o governo autoritário. Eu, como não tenho a mesma impressão sobre os governos, acredito que a Comissão devia ser permanente, não faz mal a ninguém, é minha opinião. Por isso mesmo acho o trabalho fundamental. Acho que perdemos a oportunidade de ouvir, claro, não pela... Ouvir pessoas importantes, Casabianca, acho que deviam ter ouvido o Alfonsinho, ele tem mais a falar sobre essa questão toda, devíamos ter ouvido o César Cabral, eu acho fundamental, César Cabral tinha toda a relação geográfica Argentina, norte da Argentina, Paraguai e era uma cabeça extraordinária, cabeça fora do comum. Rodolfo, vocês já ouviram, mas o Rodolfo mora aqui, ele tem algumas dificuldades de memória, o Stumpfs perdemos. Bom, e acho que talvez se vocês prorrogassem o prazo, ouvir os paraguaios, gente do lado de lá, eu até mandaria uma lista de pessoas. Hã?

**MÁRCIO:** É importante.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Podemos eventualmente fazer uma audiência em Foz do Iguaçu, não podemos sair do país, mas podemos fazer em Foz do Iguaçu e chamá-los.

**FÁBIO CAMPANA:** acho que esta... ouvir a verdade dos vizinhos, confrontá-la com o que temos é fundamental pra entender a verdade toda acho que é isso

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Eu gostaria primeiro de agradecer ao Fábio, a disposição que teve em contribuir com a nossa comissão. Sugerir a ele que nos encaminhe toda essa relação de nomes, algum fato que você queria esclarecer melhor, pode dirigir diretamente à comissão e pode estar certo que a tua contribuição foi muito importante porque uma série de fatos que eram desconhecidos foram revelados, outros foram mais esclarecidos e foi decisiva a tua contribuição conosco aqui. Não sei se algum outro membro gostaria de...

**FÁBIO CAMPANA:** Eu que agradeço.

**IVETE MARIA CARIBÉ DA ROCHA:** Somente agradecer a sua disponibilidade de estar aqui conosco e nos trazer essas valiosas informações e lhe convidar que nos acompanhe aí, enfim, nessa finalização de trabalhos, obrigada.

**FÁBIO CAMPANA:** Eu que agradeço, agora terminado. Posso fazer uma pergunta. Vocês ouviram Itaipu? Não a direção, porque a direção muda, a direção passa, ouviram as pessoas que estavam lá na época?

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Você teria alguma sugestão de nomes?

**FÁBIO CAMPANA:** Você que é um jurista, é só olhar a relação de advogados que estão lá há tanto tempo.

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** É, nós havíamos convidado, convidamos para a oitiva aqui da Comissão o diretor-geral de Itaipu, o Samek, que afirmou que em função de uma greve que ocorre nesse momento agora não estaria disponível, mas vai, segundo ele, vai agendar uma data para que possa comparecer e convidamos também o Assis Paulo Sepp, que é presidente do sindicato, que estava confirmado para hoje, seria ouvido depois do Doutor Gernote, mas também não compareceu em função da greve. Mas gostaríamos... se você também nessa relação de pessoas que você indica...

**MÁRCIO:** Esse é até um que é do sindicato desde...

**DANIEL DE OLIVEIRA GODOY JÚNIOR:** Dos trabalhadores... Se você quiser nos indicar pessoas nós também vamos apreciar. É que, Fábio, a criação da comissão e a prorrogação dos trabalhos, a criação da Comissão foi uma iniciativa do movimento social, que foi encampada pelo governador do estado e que ele encaminhou um anteprojeto pra assembleia legislativa e foi aprovada a constituição da comissão estadual da verdade e o período de trabalho da comissão está se encerrando agora ao final de dezembro. Então, para nós, em função até da relevância que tem a tua ação institucional como jornalista, uma coluna respeitada e lida por todos, é importante até você, se for o caso, tornar pública a tua posição no sentido de que os trabalhos da comissão da verdade devam continuar, porque a mesma demanda que nós temos aqui há em nível nacional, também há uma intenção daqueles membros da comissão nacional da verdade que fosse constituído um órgão permanente no âmbito do Governo Federal pra continuar as investigações da Comissão Nacional da Verdade e poderíamos fazer o mesmo aqui no Paraná, temos um órgão ligado à Secretaria de Justiça. A Regina tem acompanhado isso, poderíamos fazer a mesma coisa, mas não depende da Comissão. Muito obrigada, Fábio.

**FÁBIO CAMPANA:** Obrigado a vocês.